entrevista

Dominique Fingermann: V Encontro Internacional: um movimento de “Fórum”

(por Silvana Pessoa e Ana Laura Prates Pacheco)

A Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano e a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano realizam, a cada dois anos, seus encontros internacionais.

Em 2008, coube ao Brasil, e particularmente ao Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, organizar e sediar o seu V Encontro: “Os Tempos do Sujeito do Inconsciente: a psicanálise no seu tempo e o tempo na psicanálise”, data significativa, pois marcou os 10 anos da criação da Internacional de Fóruns do Campo Lacaniano.

Como presidente do V Encontro, a psicanalista Dominique Fingermann – um dos membros fundadores do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo e participante ativa do movimento de retorno à Escola de Psicanálise de orientação lacaniana – trabalhou exaustivamente com a comissão de organização para receber os colegas de outros estados e países, bem como os 700 inscritos no evento, ocorrido entre os dias 5 e 6 de julho de 2008, no *Campus* Paraíso, da Universidade Paulista.

Revista Stylus: Dominique, em 2008, São Paulo foi a sede do V Encontro Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Como foi escolhido esse tema tão instigante: “Os tempos do sujeito do inconsciente: a psicanálise no seu tempo e o tempo na psicanálise”?

Dominique Fingermann: Os temas do Encontro Internacional da IF-EPFCL são escolhidos e votados pela assembleia da IF no encontro anterior, com dois anos de antecedência. É uma decisão importante, já que escolher um tema constitui um engajamento de trabalho durante dois anos e um compromisso de uma produção epistêmica que faça diferença no final do período dedicado ao assunto em toda a comunidade da IF-EPFCL. A discussão em Paris, que precedeu a escolha, apontava para temas de ordem clínica e outros focando a atualidade da psicanálise no mundo, embora ambos fossem absolutamente interdependentes: a psicanálise só mantém um lugar no mundo a partir da “eficácia” de sua operação clínica. A questão do tempo “caiu como uma luva” para abordar simultaneamente os dois eixos. “Os tempos do sujeito do inconsciente: a psicanálise no seu tempo e o tempo na psicanálise” é de extrema **atualidade**, como aponta o título do texto de apresentação de Colette

¹ Soler, Colette. Texto de apresentação do V Encontro – site da IF-EPFCL (<http://www.champlacanien.net/>).

Soler¹. **Atualidade** no mundo contemporâneo: para que a psicanálise, apesar de sua atopia e intempestividade, tenha lugar no mundo de hoje e amanhã. **Atualidade** do “ato”, indicando a temporalidade específica do discurso analítico e do ato que o determina.

Revista Stylus: Foram dois dias de trabalhos intensos, sem contar as reuniões específicas para membros da IF e da EPFCL. Mais de 80 trabalhos apresentados, em 4 línguas diferentes, participantes de vários países de diversos continentes, uma mesa-redonda com pesquisadores de outras áreas e diversos eventos intelectuais e culturais paralelos. Como você avalia a importância desse Encontro para a presença da “psicanálise no seu tempo” e, mais especificamente, para o “movimento dos Fóruns”?

Dominique Fingermann: O psicanalista se autoriza por si mesmo, perante alguns outros. Um encontro de psicanálise congrega esses “alguns outros”: espera-se dos psicanalistas que utilizem essas oportunidades para se porem à prova, expondo e esclarecendo as razões da clínica. Um a um o psicanalista faz questão de “demonstrar o que ele faz com o saber que a experiência deposita”². Essa provação, na qual o analista se dispõe a transmitir o intransmissível da sua operação, é uma das condições do ato analítico. O encontro com a psicanálise num congresso produz-se na interlocução de quem se expõe ao falar e de quem se engaja a ouvir e se questionar. O “movimento dos Fóruns” se iniciou a partir desta aposta, e os congressos do Campo Lacaniano mantêm essa via: a psicanálise não se sustenta a partir de um pensamento único, mas a partir da disposição dos psicanalistas a produzir e tornar transmissíveis as modalidades do necessário, do impossível e do contingente de seu ato.

Esse movimento de “Fórum” se produz, realiza, antes (nos preparativos), durante o próprio “evento”, depois, nos efeitos para cada um na sua clínica e, por muito tempo ainda, pela via das publicações realizadas; o encontro tem consequências.

Revista Stylus: Pensando agora especificamente em relação ao Brasil e ao FCL-SP, quais são, do seu ponto de vista, as consequências do V Encontro para essa comunidade nacional e local? Como você avalia o trabalho institucional de sediar um Encontro Internacional?

² Lacan, Jacques. *D'Écolage* (11 mars 1980).

Dominique Fingermann: As consequências do V Encontro para a comunidade de trabalho brasileira e paulista são inegáveis e inumeráveis: conhecer os colegas dos outros países, ouvi-los, fazer ouvir as suas próprias elaborações, abrir as suas questões, deslocar e descolar as suas referências, desarranjar seus conceitos e preconceitos etc.

Mas o ponto crucial nisso tudo é realizar, de fato, a dimensão internacional da comunidade dos fóruns e de sua Escola, ou seja, a inclusão do Outro, na sua alteridade mais radical: A barrado.

Revista Stylus: Um dos pontos mais elogiados pelos colegas de outros países foi a organização impecável do V Encontro. Foram montadas várias comissões, duas comissões científicas (nacional e internacional), envolvendo o trabalho de um número enorme de colegas brasileiros e estrangeiros. O que você pode transmitir dessa experiência para a organização dos próximos Encontros?

Dominique Fingermann: Tentei passar para os colegas que eu convidava para as diversas comissões, que não se tratava de um trabalho “braçal” de militante da psicanálise (que horror!), mas que a função do fazer estava nesse caso intrinsecamente ligada ao “fazer escola”. A escola só ex-siste se houver analistas à altura, isto é, se pondo à prova (“L'école, l'épreuve”, diz Lacan). A multiplicidade das comissões e da delegação das responsabilidades não dispensou a necessidade de uma direção sem complacência, o que gerou um certo número de tensões e mal-entendidos que o sucesso da organização, desde a véspera do Encontro, dissipou.

O único ponto que lamento, hoje ainda, é o fato de que os colegas que cuidaram da Livraria do Campo Lacaniano mal participaram dos debates. Essa Livraria é um dos pontos cruciais de um Encontro Internacional (troca das publicações dos escritos, consequências da experiência que se depositou), a sua organização é complexa e não conseguimos delegar essa tarefa.

Revista Stylus: Após 10 anos de trabalho coletivo – uma significativa extensão de tempo – e deste Encontro – um grande espaço que reuniu um significativo número de psicanalistas e intelectuais – você acha que estamos sendo bem-sucedidos na construção de

³ Nominé, Bernard. Entrevistas (sobre a fundação da Escola). In: Stylus, n. 4, abr. 2002, p. III.

uma comunidade fundada sobre outro estilo, outra relação como o saber, para usar uma expressão de Bernard Nominé?³

Dominique Fingermann: O sucesso de nossa empreitada pode ser medido, de certa forma, pela quantidade e diversidade dos trabalhos apresentados, pois isso indica que nós conseguimos produzir um autêntico campo epistêmico a partir das elaborações dos psicanalistas (“práxis da teoria”). No entanto, se essa diversidade é necessária, ela não é suficiente. Precisamos ter prova de uma orientação comum: a orientação pela ética da psicanálise regulada a partir do encontro com o real. A medida da orientação se dá, a meu ver, pela qualidade dos debates: se a exposição dos trabalhos não produz nenhum debate ou questionamento, é porque o expositor não transmitiu nada de interesse para a comunidade, ou porque não conseguiu fazer-se ouvir, ou porque ninguém está disposto para acolher as elaborações, ou porque estas não repercutem em nada a orientação da psicanálise pelo real. Todos os casos denunciariam um insucesso no plano de uma comunidade fundada num estilo diferente na relação com o saber. Precisamos, ainda, melhorar e mudar as condições de possibilidades desse debate.

Revista Stylus: Cada Fórum tem a sua jornada local, e anualmente temos um Encontro Nacional. No momento estamos recebendo uma convocação para um Primeiro Encontro Internacional da Escola a ser realizado em Buenos Aires, e no ano que vem teremos o VI Encontro Internacional em Roma. O que pensa desta periodicidade de eventos, externos e internos, propostos na nossa instituição? Qual a função e a importância desses diversos Encontros?

Dominique Fingermann: Cada encontro produz recortes diferentes da comunidade analítica: novas circunstâncias, temas, interlocutores, oportunidades, línguas. A cada vez uma nova maneira de articular o impossível, o necessário, e o contingente. Sempre comparo a formação analítica com a formação de um músico: um músico não reclama de ter que tocar várias sinfonias no mesmo ano, com orquestra e públicos diferentes!

Revista Stylus: Ocasionalmente, escutamos depoimentos de colegas psicanalistas de outras instituições, com trabalho clínico e epistêmico reconhecido local e internacionalmente, afirmarem que “o futuro da psicanálise não está nas grandes instituições”. O que pensa disso? A nossa comunidade já pode ser considerada uma grande instituição? Como se fazer conhecer e reconhecer em um agrupamento tão expandido?

Dominique Fingermann: Penso que tudo o que desenvolvi até agora, já constitui um argumento para sustentar que, evidentemente, acho que uma “grande” instituição é uma oportunidade boa para se deslocar (como sempre menciono), para se desconcertar, desarranjar, romper os efeitos de pequenos grupos em torno de pequenos chefes, mudar de referências, de sotaque, de idiossincrasias. Ou seja, não é confortável, necessita viajar, falar outra língua, se explicar melhor, se deparar mais ainda com o mal-entendido: é uma boa escola para o psicanalista! Todos os dispositivos locais, nacionais e internacionais oferecem ocasiões de exposição dos trabalhos; o fato de o V Encontro acontecer em São Paulo e no Brasil mostrou que os brasileiros e em particular os paulistas souberam se beneficiar dessa oportunidade. Por outro lado, privilegiar a multiplicidade dos trabalhos teve consequências que prejudicaram o tempo e a qualidade dos debates; foi uma opção da comissão científica que poderia ser revisada numa próxima vez (mesmo assim, tivemos que recusar mais de 70 trabalhos propostos!).

Revista Stylus: Qual a sua avaliação do funcionamento dos cartéis – este importante dispositivo na nossa escola? [Nossa comunidade tem sido bem-sucedida nesta prática ou os nossos compromissos com a máquina institucional – seminários, encontros, publicações –, têm atrapalhado o funcionamento destes pequenos grupos – órgãos de base da nossa Escola?]

Dominique Fingermann: Persiste certa insatisfação em torno do cartel e do “fazer escola” que ele implica. O que se espera de um cartel é muito singular: um ponto de ignorância que faz questão, alguém que encontra alguns para produzir um saber novo em torno dessa questão, alguns que decidem um Mais-Um, um novo laço, um turbilhão, um trabalho, um produto que cai e que circula

na comunidade. O que se espera é muito singular, não é possível ordenar esse operador complexo com palavras de ordem universalizante: vamos todos fazer cartel! o cartel não funciona com a batuta do mestre, nem do maestro. Haverá cartel, se houver Discurso Analítico operando na Escola; a extensão da psicanálise decorre da intensão, e não o oposto.

Revista Stylus: O que resta a dizer sobre o tema proposto pelo V Encontro: a psicanálise no seu tempo e o tempo da psicanálise?

Dominique Fingermann: O que resta a dizer? Por enquanto, o prelúdio de um trabalho publicado após o V Encontro na Revista da USP a convite de Elcio Abdalla (físico professor da USP, que foi nosso convidado na mesa-redonda interdisciplinar “O Tempo na experiência da psicanálise”): Quando, no mundo globalizado, o tempo transformou-se em mercadoria – “*Time is Money*” –, quando a ciência, a tecnologia e o mercado juntam-se para nos fazer ganhar tempo a qualquer preço, a psicanálise continua insistindo com um método que proporciona uma experiência do tempo na contramão da experiência subjetiva do “tempo que passa”, inflacionada pelos tempos que correm.

Entre o “Já foi!” e o “Pode ser?”, o tempo que a consciência apreende é a sucessão irreversível do passado ao futuro, passando pelo instante presente, sempre fugidio e inapreensível. As modalidades subjetivas desse *a priori* temporal de toda experiência declinam a vivência do tempo com matizes que vão da nostalgia até a esperança, com versões “patológicas” conhecidas como angústia, mania, melancolia, tédio que testemunham uma maneira outra de vivenciar o tempo. Os “tempos que correm”, e sua ciência implacável, pretendem remediar essas modalidades existenciais e os afetos consequentes. A psicanálise preconiza outro tratamento: “dar-se um tempo...”.

Podemos também ler os trabalhos produzidos nas revistas do Campo Lacaniano, como Stylus, ou nos anais do V Encontro, que estarão em breve publicados no *site* da IF-EPFCL (<http://www.champlacanien.net/>).

Resumo

Esta entrevista foi mais um pedido de elaboração solicitado à psicanalista Dominique Fingermann, como presidente do V Encontro da Internacional de Fóruns e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, que teve lugar na cidade São Paulo em julho de 2008. Nela, interroga-se o que resta a dizer sobre o tempo da psicanálise e a psicanálise no seu tempo; as causas e consequências extraídas para o movimento dos Fóruns e o que se pode transmitir desta experiência para a organização de futuros encontros do Campo Lacaniano. Conclui-se que esse movimento de “Fórum” justifica-se e tem consequências. Ele se produz antes (nos preparativos), durante (no próprio evento), depois (nos efeitos para cada um na sua clínica) e, por muito tempo ainda, pela via das publicações realizadas.

Palavras-chave

Encontro Internacional, organização,
causas e consequências.

Abstract

This interview was one more effort of elaboration asked to psychoanalyst Dominique Fingermann, as the president of the V International Meeting of Forums and the School of Psychoanalysis of the Forums of the Lacanian Field, that took place in São Paulo in 2008. In this interview, it is questioned: what else is left to be said about the time of psychoanalysis and psychoanalysis in its time; the causes and the consequences that can be withdrawn from this Meeting to the movement of Forums and what can be transmitted from this experience to future conferences in the Lacanian Field. It concludes that this movement of Forum is justified and has consequences. It is produced before (during the preparation), while (during the event itself), after (through the effects in everyone's practice) and, for many years still, throughout the publications.

Keywords

International Meeting, organization, causes and consequences.

Recebido

07/05/2009

Aprovado

01/07/2009